

No âmbito do início das comemorações do **CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE AGUSTINA BESSA-LUÍS, a 15 DE OUTUBRO**, propomos a leitura em voz alta de excertos da obra **A MEMÓRIA DE GIZ**. Escolhemos como introdução um texto que integra a adaptação para teatro da mesma obra, realizada pelo *Teatro do Noroeste – Centro Dramático de Viana*.

MEMÓRIA, MEMÓRIA, COMEÇOU A HISTÓRIA!

Alguma vez paraste para pensar...

O que é uma memória?

De onde vêm as memórias?

Para que servem as memórias?

Já ouviste falar de um rapaz chamado Giz?

De uma escritora chamada Agustina?

De uma história na qual o Giz vendeu a sua memória a um velho misterioso?

Não?

Então empresta-nos os teus ouvidos

e ouve com atenção,

porque é esta a história que vamos contar...

se nos conseguirmos lembrar...

Teatro do Noroeste

Há quem pense que os meninos gostam de histórias disparatadas. Não é bem assim. Histórias maravilhosas nunca são disparatadas. Senão vamos lá a ver:

Havia um rapaz tão atrevido e mandrião que a mãe dele não parava de lamentar-se pelos desgostos que ele lhe dava. Faltava à escola sempre que podia, e usava uma fisga para matar pardais; também atirava com ela pedradas à égua do regedor, que se punha aos coices, à porta da taberna onde estava presa. O vendeiro saía de lá, com a camisola branca manchada de vinho, e dizia:

- Hei-de caçar-te, malandro!

Giz não respondia e até parecia não ouvir nada. Começavam a pensar que ele era surdo; mas outras vezes Giz dava mostras de ter uma orelha fina como uma rata. Percebia até o ruído que fazem as lagartixas a entrar e a sair dos buracos dos muros. O nome dele era Gisbergo, mas toda a gente o conhecia por Giz. Era um alívio para todos não ter de lhe chamar Gisbergo. A memória de Giz fazia o espanto das pessoas. - Este rapaz – dizia o professor – mede a memória aos canecos, mas isso não lhe aproveita para nada.

A respeito de figura, ele tinha muita sorte, como dizia a menina Esteva. Era bonito, ainda que tivesse uma grande boca e dentes separados. Tinha também muita força e carregava um cesto vindimo cheio até às bordas de uvas pretas, como se fosse já um homem. Mas a verdade é que raramente Giz trabalhava. O mais certo era deixar no chão a mochila de palha onde pousavam os carregos e que se segurava à testa por meio duma tira de estopa ou até de couro.

Um dia estava Giz deitado debaixo duma oliveira e pôs-se a contar as azeitonas verdes. “Faltam seis” - pensou ele. “Ontem eram quinhentas e vinte e uma, e hoje há só quinhentas e quinze.” Este assunto pesou um bocado na cabeça de Giz, e ele adormeceu. Então chegou perto dele um homem pequenino, com uma barba que ele passava por detrás das orelhas, para que não o incomodasse. Fez-lhe cócegas nos pés e Giz acordou.

- Não te atrapalhes – disse o homem. - A melhor maneira de uma pessoa acordar é fazer-lhe cócegas nos pés. Diz-me cá: que dia é hoje?

Giz pensou um bocado.

- É dia de S. Sandálio – respondeu. Estava-se no mês de setembro e ele, como sempre, tinha acertado.

- Tens uma memória espantosa. Eu esqueço-me de tudo. Nunca sei o que fiz ontem. Isso traz-me complicações. Giz achou que o homem era bastante tolo, mas não o interrompeu.

O homem disse: - Preciso de um criado como tu.

- Não quero ser criado. Nem me parece que você precise de criados. Quem é pobre não tem vícios. E acho que é muito pobre - disse Giz à sua maneira descarada.

- Então tu achas que eu sou pobre? É verdade. Não tenho memória nenhuma, e isso é pobreza. Não te enganas. Mas tenho com que pagar-te.

- Tenho a escola ainda por meio ano. Não posso empregar-me antes disso.

O homem riu-se: - Eu preciso só da tua memória, não é de ti. Alugo a tua memória e ela serve-me durante cinco anos. A vida que levas não me interessa.

- Essa é boa! - disse Giz, embasbacado. - E que quer que eu faça?

- Nada de especial. Só um contrato. Vende-me a memória aos canecos.

- Pode levar a minha memória, se lhe faz jeito. Mas primeiro quero ver se não me engana.

O velho afastou-se pela vinha adiante, e parecia que não tinha acontecido nada. Mas as coisas começaram a mudar daí em diante. Durante duas manhãs e duas tardes tinham medido muitos canecos de memória e nunca mais acabavam. Por fim, Giz disse “Burgundivrum, Lotarium, tric-trac”. Tinha-se-lhe esgotado a memória.

Giz sentiu um frio no coração e começou a correr. Não se lembrava dos pais em dos irmãos, e não sabia para onde ir. Não sabia falar nem entendia nada do que ouvia.

Ficou parado na estrada, sem saber para onde ir. A voz da mãe, zangada como sempre, caiu-lhe no coração, e Giz, de repente, lembrou-se de tudo. Tinha vergonha de ter vendido a memória e de, por causa disso, ter passado tanta miséria. Achava que tinha sido enganado. Mas acabou por se rir e desejou, nesse último minuto em que tinha o poder de conseguir todas as coisas, desejou que o velho pudesse aproveitar tudo aquilo.

Giz recuperou a memória em 29 de fevereiro, ano bissexto.

Ao certo ninguém pode dizer do que quer falar, porque mais ou menos todos vendemos a memória ao historiador, ou lá quem é o homenzinho de barbas enroladas por detrás das orelhas.

Agustina Bessa-Luís, *A memória de Giz*, Lisboa, Contexto, 1994 (texto com supressões)

Esperamos que tenham gostado! Voltaremos em breve!

Obrigada pela vossa colaboração!

A equipa da Biblioteca